

○ homem romântico: o homem psicanalítico

Romantic man: psychoanalytic man

ANA ROSA GONÇALVES DE PAULA GUIMARÃES*
CAIO CÉSAR SOUZA CAMARGO PRÓCHNO**

Resumo: Este estudo objetiva propor uma leitura do movimento romântico alemão, pertencente ao final do século XVIII até meados do século XIX, tendo em vista sua possível influência prática e teórica para concepção de homem e de funcionamento mental percorridos pela psicanálise. Para isso, parte-se da apresentação dos principais elementos constituintes do Romantismo, a fim de fundamentar a investigação do diálogo com a psicanálise, no que diz respeito às atividades mentais inconscientes, à importância da experiência emocional, à singularidade subjetiva, aos dualismos da realidade psíquica e ao método de trabalho psicanalítico que busca o movimento de tolerância dos paradoxos.

Palavras-chave: Romantismo, psicanálise, inconsciente, dualismos, subjetividade

Abstract: This study aims to propose a reading of the German Romantic movement, belonging to the late eighteenth century until the mid-nineteenth century, with a view to its possible theoretical and practical influence on the design of man and mental functioning covered by psychoanalysis. For this part is the presentation of the main constituent elements of Romanticism in order to support the research dialogue with psychoanalysis, with regard to the unconscious mental activities, the importance of emotional experience, the subjective singularity, the reality of dualisms psychological and psychoanalytic work method that seeks the movement tolerance of paradoxes.

Keywords: Romanticism, psychoanalysis, unconscious, dualisms, subjectivity

* Mestrado em Psicologia, com ênfase em Psicanálise e Cultura, em andamento, pela Universidade Federal de Uberlândia.

** Professor Titular pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Literatura e arte podem ser mais científicas do que muito do que se passa por ciência, e a ciência pode ser mais bela e intuitiva do que muito se passa por arte. (Sandler, 2000a, p. 31)

A temática entre a articulação da psicanálise fundada por Freud e do Romantismo Alemão tem sido objeto de interesse desde o período em que o referido psicanalista era vivo. As discussões sobre as possíveis afinidades entre as duas correntes de pensamento, segundo Loureiro (2000), tiveram como “patrono” Thomas Mann, cujo qual, não hesitava em inserir a psicanálise freudiana na linhagem dos pensadores românticos. As possibilidades desencadeadas por tais inter-relacionamentos adviriam do interesse de Freud por temáticas que marcam a alma romântica, como, por exemplo, o sonho, a loucura e a morte. Porém, tanto Freud como outros estudiosos do assunto, não são unânimes quanto a tais aproximações.

Loureiro (2000) destaca a tentativa romântica de restituir uma experiência de plenitude e de absoluto, contudo, para o conhecimento científico, Freud aponta os seus limites, a precariedade de seus alcances, a parcialidade e efemeridade de seus resultados, isto é, haveria a impossibilidade de um conhecimento totalizador. A autora (2002), em sua tese de doutorado, analisa algumas possíveis aproximações e afastamentos entre o Romantismo Alemão e a psicanálise e não concorda plenamente com tais articulações. Entretanto, a fim de observar possíveis pontos de tangência entre ambas as áreas do conhecimento e os seus possíveis desdobramentos, a teoria literária, acerca do Romantismo Alemão e a psicanálise de corrente inglesa, a qual privilegia os estudos de Freud, Klein e Bion serão trazidos a esta leitura, a fim de problematizar o tema.

O movimento romântico constituiu-se como uma escola de pensamento, uma forma, um estado de espírito e também um forte fenômeno histórico. O Romantismo foi um vasto movimento em que estava presente o conservadorismo e o desejo libertário, a inovação formal e a repetição de fórmulas consagradas, o desejo com o poder e a revolta radical. Caracterizou-se por preocupações recorrentes que se aliavam ao anticlassicismo, à visão individualista, ao desejo de romper com a normatividade e com os excessos do racionalismo, em virtude dos preceitos históricos da época, correspondente, no final do século XVIII e meados do século XIX, na Europa, ao auge do cientificismo urbano-industrial.

Dado o tempo e espaço que compõem determinado contexto, tenta-se compreender as posturas e os comportamentos realizados por seus indivíduos, haja vista que o movimento romântico tem como alicerces os ideais propostos pelas Revoluções Francesa e Industrial. O sujeito, portanto, nesse momento, encontra-se submerso em novos inventos e tecnologias, a partir de padrões científicos e racionais estabelecidos. Diante disso, suas emoções e inconformismos são sufocados pelos padrões sociais do período, o que motiva suas mobilizações e tentativas de escape.

Carpeaux (1985) relata que o Romantismo foi o movimento que nasceu na Alemanha por volta de 1800, conquistou logo a Inglaterra e, a partir de 1820, a França; depois todas as literaturas europeias e americanas; e acabou nas tempestades das revoluções de 1848. Em seu sentido mais amplo, o Romantismo havia sido preparado por teorias filosóficas que situavam a experiência na base do conhecimento humano ou que realçavam a moral do sentimento. O Romantismo, como ressalta Guinsburg (1985), é antecedido pelos Séculos das Luzes, no qual o homem abandona a visão teocêntrica e teológica judaico-cristã, que concebia a História como um ciclo de revelação do poder divino por meio de seus atos de vontade, e cuja primeira manifestação seria a Gênese, ponto de partida para uma sucessão de intervenções providenciais e miraculosas ao nível do humano e terreno que contaria com o Juízo Final e a instalação do reino beatífico dos justos e dos santos.

A ideia de revolução, a absorção de pontos de vista do Iluminismo e do Liberalismo e a crença na possibilidade de alcançar a felicidade humana animou toda uma geração romântica, situando-a na rota das grandes transformações sociais e históricas que poderiam redefinir positivamente os caminhos da humanidade. Essa nossa perspectiva foi, no entanto, logo capturada pela própria dinâmica que haveria de marcar a ascensão da burguesia. As novas formas de dominação e a aplicação dos princípios de *liberdade, igualdade e fraternidade*, segundo os interesses da nova classe, formaram um movimento oscilante dentro do Romantismo. A crença no progresso tendeu a se transformar na frustração do presente, pois o mundo novo prometido pela revolução se recheou de negatividade, dor e desencanto. Também não seria incorreto admitir que o sentimento de desencrença pudesse vincular-se à própria consciência da inexorabilidade das transformações urbanas, advento de um tempo que ultrapassou a tradição agrária,

vitória de um mundo inflexivelmente racionalista e preso à lógica da matéria e do dinheiro.

O pensamento romântico foi uma crítica ao iluminismo, ao liberalismo e ao individualismo da ilustração. O próprio termo – individualismo – nasceu na França como consequência de uma reação negativa do pensamento conservador às ideias e às realizações da Revolução Francesa, e com esse sentido pejorativo, a expressão invadiu outros ares culturais.

Os românticos criariam, eles também, uma noção de individualidade, melhor dizendo, de personalidade, não mais definido pelo isolamento e pela privacidade, nem pela identidade social, mas pela capacidade de se autopropulsionar, autodesenvolver, de criar e, na própria criação, transcender-se e integrar-se às coletividades e tradições. Estas, por sua vez, também eram concebidas sob a forma da personalidade: espírito novo, o espírito da língua, o espírito da religião etc. que são menos um conjunto de traços identificatórios do que matrizes de experiências, representações, sentimentos e possibilidades existenciais. (FIGUEIREDO, 2002, p. 141).

Desse modo, por meio do Romantismo, a noção de liberdade negativa – a liberdade exercida no terreno da não-interferência do poder do Estado acerca das ações individuais, passa a uma versão moderna de liberdade positiva – como autonomia, predomínio das potencialidades do indivíduo, a fim de determinar e controlar suas próprias ações, destinos e o auto engendramento, processo este que, implica tanto na transformação dos sujeitos naquilo que eles são de fato (a personalidade singularizada), como na permanente perda de suas identidades convencionais: o tornar-se o que verdadeiramente se é, a essência do indivíduo, contrapondo-se ao conservar os papéis e as máscaras socialmente convencionais.

Figueiredo (2002) destaca ainda que o espaço psicológico será exatamente o que abriga as forças alienantes do eu, os elementos da identidade-estilo, as relações entre eles e os processos de subjetivação/des-subjetivação que promovem incessantemente. A psicanálise, com isso, enfatiza os processos integrativos e regeneradores, seja no vértice romântico da restauração, seja no vértice disciplinar da adaptação funcional, em que o sujeito está no centro do mundo, na posição fundamental do saber e de foco de irradiação de suas escolhas e ações.

O primeiro Romantismo alemão – o movimento *Sturm und Drang* [Tempesta e Ímpeto] – expandiu a visão de mundo e o conceito do gênio artístico, que contém, em primeiro lugar, os critérios do irracional e do subjetivo, em oposição ao Iluminismo generalizante e dogmático, a conversão da compulsão extrema em liberdade interior, que é simultaneamente rebelde e despótica. E, finalmente, o princípio de originalidade, em que nasce o homem de letras livre diante de uma competitividade cada vez maior, para consagrar-se como a mais importante arma na luta da intelectualidade pela sobrevivência.

Safranski (2010) destaca que a literatura alemã se tornara inteiramente burguesa, mas o seu protesto contra os abusos do despotismo e o entusiasmo com que exaltava a liberdade eram tão autênticos quanto sua atitude antirracionalista. O espírito do *Sturm und Drang* deu o princípio e a lucidez ao genial que estava adormecido.

O Romantismo é uma época áurea do espírito alemão, com grande irradiação para outras culturas nacionais. Acabou enquanto época, mas o romântico permaneceu com outra postura. Este quase sempre está em jogo quando um mal-estar diante do real e do usual busca por saídas, mudanças e possibilidades de transcendência. O romântico é fantástico, criativo, metafísico, imaginário, tentador, transbordante, profundo. Não tem obrigação de consenso, não precisa ser útil à sociedade, sim, nem mesmo à vida. Pode estar apaixonado pela morte. O romântico busca a intensidade até o sofrimento e a tragicidade. [...] O romântico ama os extremos; uma política sensata, por sua vez, ama o compromisso. (SAFRANSKI, 2010, p. 355).

O choque entre o Eu e o mundo, a tensão irreconciliável entre uma sociedade cada vez mais afirmadora da divisão do trabalho e do domínio do capital coloca em evidência o artista romântico incapaz de se ajustar, que parte para a representação de temas vinculados à fuga da realidade. Portanto, o retorno ao Eu, à intensificação do elemento subjetivo, ou à expansão dirigida a um tempo medieval ou exótico desencadeiam temas como a valorização da morte, a exaltação religiosa e a natureza como elemento regenerador e ideal, talvez colaborando com a permanência do homem na sociedade.

Com isso, a hierarquia psicológica do Romantismo estabelece o sentimento como objeto da ação interior do sujeito que, por sua vez, transpõe a categoria de humilde estado afetivo. “A intimidade e a espiritualidade exercem o desejo

pelo sentimento do sentimento ou desejo do desejo” (NUNES, 1985, p. 52). O sentimento é visto como o núcleo do sujeito, pela sua autenticidade e particularidade, por isso, sua exposição permite a liberdade de expressão e o elo com o próprio Eu. O desejo infinito se assemelhou à infinitude da aspiração insatisfeita, à intuição intelectual coligada à consciência de si, que tem em sua substância a particularidade do indivíduo e, assim, desfaz a uniformidade da razão teórica. O sentimento propiciava ao homem romântico o lugar de revelação do ser inefável, a Presença do divino, onde os dogmas e a moral não habitavam. O sentimento, portanto, é interior, intraduzível e não pode ser codificado.

A vida interior aparece então como labirinto sem saída, pois é povoada por recantos secretos, visões e sombras que, ao mesmo tempo em que oferece ao poeta a posse do que lhe parece ser seu Eu profundo, verdadeiro, torna-o um estrangeiro para si mesmo - o *“alter ego”*-, vinculado a uma dimensão de realidade que o ultrapassa. Com a marca dessa forma racional, o poeta romântico desvenda-se ao rumo do onirismo e do inconsciente, das forças misteriosas da Natureza e dos mitos arcaicos.

O conflito interior da alma romântica se reflete de modo direto e expressivo na figura do “segundo eu”, que está sempre presente com o espírito romântico e repete-se em inúmeras formas e variações na literatura também romântica. Essa ideia fixa tem, segundo Hauser (1998), origem no impulso à introspecção que tende à auto-observação e à compulsão do indivíduo rumo ao desconhecido, ao estranho e ao remoto. Ela também pode representar uma tentativa de evasão dos românticos para se submeterem à aceitação de sua própria condição histórica e social. Tal duplicidade precipita-se a tudo que seja obscuro e ambíguo, caótico e extático, demoníaco e dionisíaco, impulsionando-os a buscar, a partir disso, refugiarem-se da realidade que é incapaz de dominar por meio racionais. Nessa fuga da realidade, descobre-se o “inconsciente”, aquilo que está oculto e, inseguro para a mente racional, sendo, então, a origem de seus sonhos de realização de desejos e das soluções irracionais de seus problemas. Os românticos são levados a descobrir que duas almas habitam um mesmo corpo, que carregam seu demônio e seu juiz.

O irracional tem a vantagem de não estar subordinado ao controle consciente, motivo pelo qual enaltece o inconsciente, os instintos obscuros, os estados oníricos, os devaneios e êxtases de alma, e busca nesses mecanismos a satisfação que não lhe é assegurada pelo frio e crítico intelecto. A característica psicológica

do Romantismo é o sentimento como objeto da ação interior do sujeito, o qual excede a condição de simples estado afetivo, porque transcendem a intimidade, a espiritualidade e a aspiração ao infinito. “Sentimento do sentimento ou desejo do desejo”, a sensibilidade romântica, dirigida rumo e pelo amor da irresolução e da ambivalência, separa e une estados opostos, sendo eles: do entusiasmo à melancolia, da nostalgia ao fervor, da exaltação confiante ao desespero. Contém também, o elemento reflexivo do ilimitado, do infinito, de inquietação e de insatisfação permanentes de toda experiência conflitante aguda, que tende a reproduzir-se indefinidamente à custa dos antagonismos insolúveis que a produziram. Assim, o sentimentalismo do século XVIII foi substituído por uma sensibilidade exacerbada, um maior impacto do cerne, do coração da alma.

Sob este plano subjetivo, a realização amorosa era sentida como uma vivência genuína, embora impossível para ser concretizada em um mundo fragmentado. A fuga, a evasão, o ilogismo e a presença de uma visão amorosa evidenciaram a forte extração platônica. Por isso, o amor romântico prevalecer como força redentora e reintegradora, tanto do homem como da mulher, pela preservação da autenticidade dos sentimentos. Para Vizziolli (1985), na influência platônica, a imaginação incumbiu-se de colocar o homem como o ideal e contemplá-lo, tornando-a o mais eficiente estímulo moral.

O Romantismo desenvolveu uma tendência fortemente individualista: o centro do mundo é o Eu. Tudo tende a se organizar em torno do sujeito, caracterizando o que ao nível das funções da linguagem se chama de função emotiva ou expressiva. O Romantismo levou seu individualismo a extremos como uma compensação para o materialismo do mundo e uma proteção contra a hostilidade dos burgueses e filisteus às coisas do espírito. (Hauser, 1998).

Para Lejarraga (2002), esse individualismo qualitativo que celebra a singularidade do indivíduo, remete-o a seu mundo interior, o que é de fato um dos valores básicos do movimento romântico. Entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, Moisés (2007) conclui que o isolamento do poeta passa a ser experiência efetivamente vivida pelo homem comum que, sentindo-se “excluído”, pode vir a se identificar com o poeta, desde que veja nos devaneios e estranhezas da nova poesia confessional, o retrato indireto de suas ansiedades pessoais, incertezas e de autoafirmação.

Diante do mundo racional dos iluministas, conforme explicita Lajarraga (2002), os românticos se referem ao lado “noturno” da vida humana, ao mundo

dos sonhos e dos monstros, aos impulsos sombrios inconscientes. Em contraposição ao acanhamento dos iluministas, que limitavam o conhecimento aos dados sensíveis do mundo material, o espírito romântico aspirava ao infinito e à liberdade. O romântico, por sua vez, para Hauser (1998) não se contentava em “ser romântico”, mas fazer do romantismo um ideal e uma política para sua vivência. A “romantização” significa, sobretudo, simplificar e unificar a vida, libertá-la da dialética do ser histórico, que a excluía de todas as contradições indissolúveis, oposição que oferece a todos os desejos expressos em sonhos e fantasias de natureza romântica.

Ao penetrar no âmago da realidade, a imaginação penetra nos espaços mais intensos do Eu e desencadeia, rompendo barreiras, uma floresta selvagem – o inconsciente. Os românticos, assim, se sentem atraídos por esta região profunda do ser, porque as dissociações, associações, fragmentações que se cindem ou se desintegram, fazem domínio da expressão poética e de um reino encantado, o qual não há a racionalidade e nem as leis cotidianas.

Nesse sentido, o Romantismo abriu caminhos para se perceber que o divino e o demoníaco, ainda que, o demoníaco, por exemplo, adviria do objeto externo, ou ainda, uma personagem, a qual seria ainda neste momento plana, teria apenas características positivas, “boas” ou negativas, “más”. Ainda estes dois pólos contrastantes de personalidade estavam em processo de serem percebidos como dotados em uma única interioridade, a qual seria o inconsciente, munido do divino e do demoníaco, estudado pelo fundador da psicanálise, Sigmund Freud.

Com isso, para a construção do conhecimento psicanalítico, vale atentar-se para as contribuições proporcionadas pela estética. Em *O Interesse Científico da Psicanálise*, Freud (1913/1996) destaca que a arte funda uma espécie de passagem entre uma realidade frustrante da impossibilidade da concretude dos desejos e o mundo de desejos realizados. No universo da imaginação, a ilusão humana de onipotência encontra-se em pleno vigor, assim como ao ser é ofertado uma realidade convencionalmente aceita, capaz de provocar emoções reais e manifestações de prazer como também de desprazer.

Freud (1930/1996), ao escrever uma carta em agradecimento por ter conquistado o *Prêmio Goethe*, relata que Goethe não teria rejeitado a psicanálise, como tantos de seus contemporâneos fizeram porque, ainda segundo o psicanalista, o escritor alemão estaria familiarizado com alguns dos pontos em comum do

conhecimento psicanalítico, bem próximos de conceitos e propostas da literatura. O poeta ainda nutria aceitação pela força dos primeiros laços afetivos das criaturas humanas. Freud, além do mais, ressalta que Goethe sempre teve Eros em alta consideração, que acompanharam as expressões primitivas do poeta, manifestações estas, não menos decisivas do que aquelas feitas por Platão no passado remoto.

A psicanálise, segundo Freud (1996), é um procedimento médico que propõe a “cura” de certas formas de doenças nervosas - as neuroses, por meio de uma técnica psicológica. A investigação psicanalítica, ao partir da análise dos sonhos permite a construção de uma psicologia das neuroses que é construída continuamente. Os fenômenos psicopatológicos seriam desencadeados por forças motivadoras de origem psíquica e os sintomas provinham de conflitos internos em que o paciente combatia continuamente seus desejos inconscientes.

A hipótese de atividades mentais inconscientes viera dos estudos da filosofia, entretanto, o inconsciente para os filósofos era algo místico e inatingível, cuja relação com a mente permanecera obscura. Eles identificavam o mental como sendo o consciente e passaram a deduzir dessa definição, que aquilo que era inconsciente, não poderia ser mental, portanto, tampouco assunto da psicologia. De acordo com as afirmações de Loureiro (2002), as afinidades entre a psicanálise e o Romantismo alemão iniciam-se a partir da arquitetura da ideia de alma humana, em que a noção de inconsciente fora a primeira a receber especial atenção. Elemento essencial da psicologia romântica, o inconsciente é entendido pela predominância de fatores irracionais na maior parte das manifestações psíquicas dos indivíduos e das coletividades. A autora ainda ressalta a essência da arte romântica e alguns retornos a ela na metapsicologia freudiana:

O núcleo da estética romântica (e, por extensão, também da visão de mundo romântica) reside no rompimento com a *mimesis* da estética clássica; ela agora se torna *poiesis*, isto é, a ênfase recai na ideia de produção e criação, no poder de conformação que é atribuído ao artista. [...] Andrade percorre algumas das figuras reabilitadas pela estética romântica (como o diabo, o feminino e o andrógino), bem como o fascínio exercido por temas como a noite, o sonho e a morte. Mais adiante resume: os românticos trazem à tona da cultura alemã a questão fundamental da qual a psicanálise será herdeira – a *do Inconsciente*. Assim, aquilo que no início do século XIX os românticos propõem como núcleo de seu programa estético, será

retomado e sistematizado por Freud, no início do século XX, como núcleo de sua *Metapsicologia*. (LOUREIRO, 2002, p. 86)

A humanidade foi introduzida na ciência por meio da medicina e inserida na arte pelos iluministas e românticos. Essas duas humanidades, a científica e artística, uniram-se para ser apenas uma, vindo a se chamar “psicanálise”. O movimento romântico, portanto, trouxe consciência à necessidade de respeito e consideração com a experiência emocional, visto que o idealismo alemão acabaria alastrando a ideia de que a mente humana tem uma capacidade sintética em si e por si mesma, autonomamente (SANDLER, 2002).

Nesse sentido, o homem-psicanalítico é um ser dotado de interioridade e abriga a exterioridade do fantástico. O inconsciente freudiano é o território inédito que lhe é intrínseco, o mundo psíquico vai acolher o maravilhoso, atraindo-o para seus domínios e procurando, assim, desfazer o mistério essencial do fantástico. Para Kon (2003), compreende-se a criação do pensamento freudiano e do homem-psicanalítico a partir de confluências com uma literatura específica, própria da metade do século XIX: a literatura fantástica. A psicanálise “substituiu” a literatura fantástica, pois não haveria mais necessidade de se recorrer ao diabo para falar de um desejo sexual excessivo, nem aos vampiros para designar a atração excessiva por cadáveres. A psicanálise inspirada, direta ou indiretamente, na literatura, trata dessas questões de maneira indisfarçada, ao propor o mergulho nos desejos inconscientes. Nesse sentido, Sandler enfatiza: “Quem sabe se Deus é uma criação do Diabo interno de cada pessoa? E o que chamamos de Diabo, será o pai da ciência?” (SANDLER, 2001, p. 105).

A psicanálise, portanto, como sugere Kon (2003) nasce como portadora de uma diferença interna: pois, se de um lado acolhe o insólito no homem, dando visibilidade e presença ao que, até então, não fazia sentido ou era oculto, de outro lado, trata de apaziguar o indomável e até mesmo o inominável, ao estabelecer uma lógica própria à razão que procura reinserir como admissível aquilo que teima em escapar. Consequentemente, o movimento romântico, segundo Sandler (2000), expõe que, além da cabeça, o homem possui um coração, o que metaforicamente estaria associado e tomado como sede das emoções para os poetas.

Em todas as manifestações subjetivas, como o pensar, o sentir, o querer, o essencial é reconhecê-las como expressão da personalidade e base da psicologia;

já a psicanálise, no entanto, além de tê-las como ferramentas para o trabalho psíquico, almeja, em especial, a elaboração de conteúdos de natureza inconsciente, geradores de conflitos internos. Assim sendo, Lejarraga (2002) em seus estudos, observa que Freud orientou-se pelo positivismo, rumo à busca por causas fundantes, objetivas e universais, mas que, entretanto, tornaram-se cada vez mais “românticas”, sobretudo, na medida em que se abriram à inesgotabilidade das singularidades subjetivas.

Os principais “transmissores” da tradição romântica – os autores chegam a empregar o termo “inoculação” – seriam os românticos tardios Fechner, Lipps e Fliess. Do primeiro, Freud teria recebido a topografia da mente, a ideia de uma cena do sonho, o princípio do prazer-desprazer, o da constância e a noção de repetição; de Theodor Lipps, extraiu elementos para sua teoria dos sonhos, do chiste e do inconsciente. Por fim, em Fliess estariam presentes alguns dos princípios básicos da biologia romântica. (LOUREIRO, 2002, p. 48)

Nesse sentido, quanto aos principais “transmissores” da tradição romântica perceptíveis na psicanálise pela autora (2002), convém destacar que, Freud em seu artigo intitulado *Psicanálise* (1996), descreve o caráter da psicologia profunda, em que considera a vida mental a partir de três pontos de vista: o dinâmico, o topográfico e o econômico. O funcionamento dinâmico estaria fundamentado nas interações e na contra-ação de forças mais ou menos antagônicas do universo instintual, ou seja, por meio das necessidades biológicas, com representações psicológicas que urgem em serem descarregadas. Destacam-se: a compulsão à repetição, Eros e o instinto de destruição. Topograficamente, na primeira formulação freudiana haveria dois sistemas: o inconsciente e o pré-consciente/inconsciente. Já, na segunda tópica, o id (o princípio do prazer), o ego (o princípio da realidade) e o superego (a instância moral – o ideal de ego).

Do ponto de vista econômico, a psicanálise pressupõe que os representantes mentais dos instintos têm uma carga (catexia) de quantidades definidas de energia e o curso dos processos mentais é automaticamente regulado pelo “princípio do prazer-desprazer”. O desprazer relaciona-se ao aumento de excitação, e o prazer original passa por uma modificação com referência ao mundo externo, ao qual, cede lugar ao “princípio da realidade”. Em conformidade com esse princí-

pio, o aparelho mental aprende a adiar o prazer da satisfação e a tolerar temporariamente o sentimento de desprazer.

Para Sandler (2001; 2002), o termo “ego” foi extensamente utilizado pelos filósofos do idealismo alemão, e reaproveitado por Freud, a fim de designar uma instância psíquica integradora; enquanto o “id” teria como função a totalização daquilo que era considerado, e ainda o é, a despeito dos esforços dos psicanalistas, a clivagem entre o biológico e o psíquico. Na neurose perde-se o que nutriu os românticos, ou seja, o contato com o id, uma vez que, a pessoa tenta desvitalizar a vida, ao formar para si mesma, e na visão dos outros, pessoas invisíveis.

Outro aspecto da raiz romântica na psicanálise é a valorização de algo que não se sabe o que é, mas chama-se de sonho, ou, mais precisamente de trabalho onírico. O sono como aparentado da morte é a visão primitiva, pertencente ao imaginário popular e das crianças; pode ser percebido, identicamente, como a falta de contato com a realidade psíquica. Sandler (2000a) também destaca que o idealismo ingênuo talvez seja a doença infantil do sonho.

Para os românticos, a enfermidade representava a negação do ordinário, do normal, do razoável, e continha o dualismo de vida e morte, continuidade e dissolução, que dominava toda concepção da existência. Significava a depreciação de todas as coisas nitidamente definidas e duradouras, e estava de acordo com sua aversão a todas as limitações, a toda forma sólida e delimitada. Para Hauser (1998), no contexto do movimento romântico, o indivíduo perdera todos os apoios extremos. Era dependente de si mesmo, tinha de procurar auxílio interior, tornando-se o seu próprio objeto de infinito interesse. Considerava o mundo meramente a matéria-prima e o substrato de suas próprias experiências e utilizava-o como pretexto para falar a seu próprio respeito.

Quanto mais inatingível, inconstante e insubstancial o mundo se apresenta, mais forte, mais livre e mais autônomo será o sentimento do indivíduo que luta por autoridade. [...] todo o subjetivismo aparatoso, o impulso irresistível para o alargamento espiritual, o lirismo jamais satisfeito e que a si próprio continuamente se transcende na nova arte só podem explicar-se por essa divisão do ego. (HAUSER, 1998, p. 682)

Diante do mundo cheio de luz e racionalidade dos iluministas, os românticos se referiam ao lado noturno da vida humana, ao mundo dos sonhos e dos

monstros, aos impulsos sombrios inconscientes, em contraposição, à sujeição dos iluministas, que limitavam o conhecimento aos dados sensíveis do mundo material. O espírito romântico aspirava ao infinito e à liberdade. O individualismo, no entanto, apenas triunfa quando consegue driblar a realidade, mas, ela acaba se evidenciando, pois é imperativa.

De acordo com Sandler (2000a), as ideias de “extrusão” de características internas à mente que sejam mal vindas, temidas, ou sentidas como dolorosas, inventam uma verdadeira psicologia em que se imagina tanto uma causalidade, sempre externa, como um “conhecimento” do mundo e das pessoas a partir de um procedimento reflexivo. O mundo e as pessoas relembram constantemente o próprio indivíduo, visto que espelham ele mesmo. Ele percebe algo em si, mas não suporta essa percepção, assim, nesse sentido, as pessoas e o mundo passam a “ser” como a mente que os produziu, revelando um idealismo/subjetivismo.

Tal mecanismo é uma característica onipotente, conferida desde os primórdios na própria ideia de divindade, que teria feito o homem à sua imagem e semelhança. Essa atitude seria posteriormente entendida por Freud como “projeção” e por Klein como “identificação projetiva”. Na obra de Rousseau, essa tendência aparece cristalina: “o homem é naturalmente bom, e só pelas instituições é feito mau” (Sandler, 2000a, p. 48).

A fantasia de que o mundo interno poderia mesmo sofrer uma verdadeira extrusão para o mundo externo implica uma teoria causal, sendo que esse mundo externo, por sua vez, repercutiria algo no mundo interno. O mundo externo pode ser a sociedade, a família, os pais, os quais apresentam-se como “base” na teoria traumática. Não interessa mais a vida psíquica - a realidade psíquica, pois tudo está fora – no mundo externo (Sandler, 2000). Resolver é bastante diferente de enfrentar; logo, mudar a realidade é um lugar comum, a fim de evitar o fato de que se pode confrontá-la, enfrentá-la e lidar com ela dentro do que seja tangível. Mudar a realidade, geralmente, traduz a ideia de evasão da mesma.

Como o homem é parte indissociável da natureza, ele é visto como complexo, conflitivo e ambivalente, glorificando-se tanto o indivíduo como a natureza. O homem pertence a um todo maior, cósmico, do qual ele só é uma parte insignificante. Porém, essa visão não impede o interesse dos sentimentos e das paixões, em contraposição ao mundo racional. O homem romântico não é moderado como o clássico, mas, pelo contrário, capaz das ações excessivas, que

revelariam os conflitos e as paixões abissais que perturbam a alma romântica. É um homem imaginativo e criativo, cujo modelo ideal seria o artista ou o poeta, que se aproxima intuitivamente do infinito e do absolutismo com suas criações. Ferrater Mora considera que o romantismo corresponde à alma fáustica e dionisiaca, em contraposição às manifestações da alma apolínea. (LEJARRAGA, 2002, p. 21)

O Romantismo confundiu emoções com sentimentos, pois os hipervalorizou violentamente. Na infância do movimento romântico, como na infância humana, a distinção entre realidade e ficção, verdade e alucinação, tornou-se infactível. A busca do conhecimento encontrava um obstáculo talvez mais insuperável do que qualquer outro que já havia se deparado. O obstáculo, paradoxalmente, era também seu maior aliado: a emoção e a paixão. O Romantismo, para Sandler (2000a), tocou em um problema de limites tênues: o limite entre a alucinação e a realidade. Talvez se possa dizer que este é o marco inicial na história do romantismo: o exagero e a polarização.

Esta seria a mente humana para o romântico: admiração incontida e incondicional por paixões fortes, sem pensar em consequências de ódio e ressentimento. As histórias eram de amores aparentemente apaixonados, porém odiosamente destruídos; a dedicação total do outro, a uma causa (social-ista), implicava a própria morte e, portanto a falta absoluta; traições inexplicáveis, vinganças completas, ciúmes, remorso esmagador, desespero profundo e incontornável, falta de alternativas a não ser o orgulho ferido e a fúria frente à injustiça e à opressão; glorificação do militarismo; desprezo superior ante falhas humanas, como inveja, escravidão e covardia. (SANDLER, 2000a, p. 73)

Uma real noção desses funcionamentos mentais pode ser adquirida por meio da experiência de ser paciente em uma sessão de psicanálise. De acordo com a teoria kleiniana, permite-se descrevê-la em algumas de suas manifestações: a mente habitando preferencialmente a posição esquizo-paranoide - uma espécie de espaço-tempo mental/vivências com o objeto de forma parcial, cujos sentimentos provocados seriam a onipotência, a onisciência, a persecutoriedade, fantasias de superioridade e uma sensação de ser capaz de clivar tudo o que se refira à vida mental, desde os objetos amados (o seio materno, em primeira instância) até o ato de pensar.

Situações de aniquilamento e terror imperam, assim como ciclos auto alimentantes de inveja e avidez. Portanto, a mente que consegue obter experiências mais típicas da posição depressiva, outra descrição do espaço-tempo psíquico, alcança experiências de relacionamento com um objeto total, em que o amor e o ódio podem coexistir.

Segundo Sandler (2000a), para muitos é insuportável a dor de perceber a própria agressividade e destrutividade, por exemplo, cantada em prosa, verso e música pelos românticos, principalmente se o cinismo e o ódio à verdade imperam. No entanto, não é necessariamente insuportável, mas quando há um exagero, uma hipervalorização violenta dos sentimentos, eles prevalecem como se fossem insuportáveis: a pessoa sente a dor, mas não se pode dizer que ela sofra a experiência da dor. Aliás, abandonada aos sentimentos, não sofre coisa nenhuma, pois a pessoa imita o sofrimento exagerando-o. Mas, permanece no âmbito dos sentimentos, na tentativa de se livrar da experiência emocional de culpa envolvida. Exagero e violência de sentimentos para enxergar o mundo e a si mesmo são características típicas do que Klein denominou posição esquizo-paranoide, um modo não desenvolvido de funcionamento mental.

O movimento romântico foi um paradoxo, porque uniu desenvolvimento à reação contrária rumo à verdade ou ao conhecimento por meio da transcendência: posição esquizo-paranoide e posição depressiva, ou instintos de vida e de morte. Freud, Klein e Bion tentaram escrever sobre transcendências, como amar e odiar; amamentação e desamparo: e elas não mudaram com o tempo, com o espaço ou com a cultura. (Sandler, 2000a).

O autor (2003), ainda afirma que Freud, Klein e Bion conseguiram perceber os dualismos do funcionamento mental, tanto na possibilidade prática da realidade psíquica quanto na formação da própria realidade psíquica, tornando o método de trabalho psicanalítico um movimento contínuo de tolerância de paradoxos. Há muitas manifestações de paradoxos observadas e vivenciadas pelo conhecimento psicanalítico: corpo ↔ mente; matéria ↔ energia; sentimento ↔ pensamento; pensar ↔ fazer; teoria ↔ prática; racionalismo ↔ irracionalismo; desejo ↔ necessidade; análise ↔ síntese; forma ↔ conteúdo; consciente ↔ inconsciente; id ↔ superego; posição depressiva ↔ posição esquizo-paranoide; vida ↔ morte; realidade ↔ fantasia; saúde ↔ cura; amor ↔ ódio.

A escravidão humana ao princípio do prazer/desprazer também parece constituir uma transcendência. Sandler (2002) aponta para a ideia de que o entusias-

mo e a idealização são “saídas” maníacas em que a mente humana cria algo em sua não-realidade psíquica para se ressegurar de evadir da dor ligada a estados de desamparo.

Loureiro (2002) assegura que a principal ambição romântica foi a superação de dualismos, entretanto, Maroni (2008) afirma que os românticos são paradoxais, devido ao fato de ansiarem por um saber total (científico-religioso-artístico-filosófico), e, ao mesmo tempo, recusarem a noção de sistema acabado. A subjetividade unificada, capaz de refletir sobre o próprio ato de produção como evidencia a teoria estética, a teoria da crítica de artes românticas é, no entanto, uma subjetividade tragicamente cindida, dividida em sua unicidade, sua produção fazendo-se, conseqüentemente, a partir da tentativa de fusionar os opostos em todas as suas manifestações.

Contudo, os clássicos, mais capazes de ir além das aparências do que os integrantes do *Sturm und Drang*, esclareceram que a experiência emocional não é o método de conhecer, como insistiam os entusiasmados expoentes do Romantismo. Gradativamente, os românticos perceberam uma função da experiência emocional, a de mídia do conhecimento (SANDLER, 2002).

Conforme aponta Sandler (2000b), “*Sturm*” é um termo que expressa realidade material e psíquica. Pode ser visualizado, ainda que de modo apenas aproximado, na língua portuguesa, pelos vocábulos que possam cercar seu significado: turbulência, tumulto, agitação e também tempestade. “*Drang*” pode ser percebido por meio de termos como ímpeto, impulso, urgência. Juntos sugerem uma eclosão turbulenta, a qual inclui o irrompimento e inflação de algo:

Tristemente exemplificada em seu exagero concretizado, anencéfalo e bestial, pelo neologismo das tropas de assalto “SA”, e as hediondas “SS” nazistas, e seus líderes chamados *Sturmbanführer*, uma espécie de tenentes-coronéis, cuja ferocidade parecia sempre proporcional à sua visceral covardia. (SANDLER, 2000b, p. 152)

Também, muitas vezes, identifica-se no Romantismo uma revolta contra algo que tenha ou teria sido perdido - o “paraíso perdido”. Para Maroni (2008), essa experiência, pode também ser chamada de busca, de audácia das travessias com a vivência das múltiplas moradas da alma, com o inusitado aprendizado que conduz para o impossível: o lugar inencontrável. Transitar pode ser criar interioridade, enriquecer as ligações internas e produzir um mundo interno dependente do

exercício da “capacidade negativa” proposta por Bion: a convivência com a incerteza, com o não saber, com o mistério. No cultivo do “negativo” (o sacrifício, o despojamento, o desnudamento) para que o “ser” possa fazer-se presente – um “lugar”, onde se torna permitido o experimentar a esperança.

Sendo assim, a consequência proporcionada por meio do movimento romântico, conforme os aprofundamentos de Sandler (2000) foi a psicanálise mesma, proveniente da medicina e da ciência, que considerou a mente como instrumento, método e objeto de estudo.

Referências

- CARPEAUX, O. M. Prosa e Ficção do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- FIGUEIREDO, L. C. M. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. 6 ed. São Paulo: Escuta, 2002.
- FREUD, S. O Interesse Científico da Psicanálise (1913) In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII.
- FREUD, S. Psicanálise (1926) In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XX.
- FREUD, S. O Prêmio Goethe (1930) In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.
- GUINSBURG, J. Romantismo, Historicismo e História. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- HAUSER, A. *História social da arte e da literatura*. (A. Cabral trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KON, N. M. *A Viagem: da literatura à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LEJARRAGA, A. L. *Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: RelumeDumará; FAPERJ, 2002.
- LOUREIRO, I. R. B. *Freud e o estilo romântico*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 2002.
- _____. I. R. B. A totalidade como ilusão: a concepção freudiana de ciência e o estilo romântico. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: vol.3 nº 2 Rio de Janeiro July/Dec. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15161498200000200003>. Acesso em 08 de maio de 2016.
- MARONI, A. A. *Eros na passagem: uma leitura de Jung a partir de Bion*. Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2008.
- MOISÉS, C. F. *Poesia & utopia: sobre a função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

NUNES, B. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SAFRANSKI, R. *Romantismo: uma questão alemã*. (R. Rios, trad.). São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SANDLER, P. C. *A apreensão da realidade psíquica, volume II: Os primórdios do movimento romântico e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000a.

_____. *A apreensão da realidade psíquica, volume V: Goethe e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. *A apreensão da realidade psíquica, volume VI: O belo é eterno*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. *A apreensão da realidade psíquica, volume VII: Hegel e Klein: A tolerância dos paradoxos*. Rio de Janeiro: Imago, 2003

_____. *A apreensão da realidade psíquica, volume IV: Turbulência e urgência*. Rio de Janeiro: Imago, 2000b.

VIZZIOLLI, P. O Sentimento e a Razão nas Poéticas e na Poesia do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

Submetido em: 07-11-2015

Aprovado para publicação: 10-05-2016